



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte
Anno ou 24 números	28600	Trimestre ou 6 números 8650
Semestre ou 12 números	14300	N.º avulso ou pago à entrega 6120
ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 números	34000	Semestre ou 12 números 15500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 19

1 DE OUTUBRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878

SECÇÃO PORTUGUEZA DE BELLAS ARTES



A INFANCIA DO ARTISTA — Estatua premiada de Soares dos Reis, pertencente á sr.ª Duquesa de Palmella — (Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Casa dos ossos em S. Francisco d'Evora, por JULIO CESAR MACHADO — O Sirius, por J. VIANNA — As nossas gravuras — Notas soltas, por JACINTHO PERES — Reflexos de V. Hugo, por FERNANDO LEAL.

GRAVURAS. — A infancia do artista — Yacht Sirius — Descarrilamento no kilometro 92, no caminho de ferro do Norte e Leste — Tumulo dos bombeiros no cemiterio Occidental — Fachada da exposiçao da Russia — Illustraçao ao «Sapo» de V. Hugo — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa, que incontestavelmente é a aldeia que em Portugal possui melhor iluminação e mais bonitos estabelecimentos, começou nos últimos dias a preocupar-se um quasi nada com os seus destinos politicos. Realmente ella não tinha vontade de se entregar a semelhante excesso d'imaginação incommodando-se em ir honrar a urna das diversas parochias com alguns quartos de papel almaço, mas os candidatos tanto a teem importunado, tantas venturas lhe teem prometido, tantas palavras commovedoras lhe teem segredado, que afinal de contas este singelo e venturoso burgo bateu uma bella manhã, depois d'almoço, com a mão na testa dizendo consigo: Vamos a isto; meditemos um pouco em caminho do estabelecimento.

D'esta meditação parece ter saído uma resolução formal. Lisboa vai tambem um instante hombraear com Paris em audacia e iniciativa politica, começando por fazer um ensaio em ponto pequeno da iluminação pelo apparelho Joboloski e dos principios republicanos pelo voto.

Bem entendido que Lisboa não se desvaira a ponto de rescindir já o seu contrato com a companhia do gaz, trocando-a pela luz electrica, nem com o sr. barão de Santo Ambrozio trocando-o por Anthero de Quental. Não esperem d'ella semelhante loucura. O que Lisboa vai fazer é um pequenino ensaio, illuminando, provavelmente o Rocio, algumas noites pelo novo systema e dando algumas duzias de votos aos nomes propostos pelo novo partido, feito o que tudo voltará á mesma, pois que n'este seu modo de proceder o pensamento da cidade é mostrar ás grandes capitães da Europa que se ella as quizesse acompanhar n'uma carreira vertiginosa e cheia de perigos, não lhe faltaria coragem nem recursos para isso.

Entretanto ella pondera e muito bem: — Póde por ventura a luz electrica apresentar esta circumspecção e esta cordura nunca desmentida do gaz que ha perto de trinta annos faz toda a diligencia para me escurecer nas minhas tristezas e dar-me uma luz discreta nas minhas alegrias, sem entusiasmos que o levem a cegar-me nem invejas que o levem a fazer esquecido o oleo de purgueira e as trevas dos meus maiores?

Oh! contentemo-nos com estas duas extraordinarias vantagens que o gaz já tem sobre o tradicional azeite do passado: não crear ranço nem pingar as sobrecasacas.

Em quanto aos candidatos republicanos, Lisboa assim como não sabe quem inventou o apparelho electrico, tambem não sabe quem fez a *Vizão dos Tempos* nem as *Odes modernas*; portanto os candidatos avançados não se impõem á desconfiança publica pelas suas estrophes inspiradas e profundas. Simplesmente Lisboa os toma como uma cousa suspeita de que é necessario não abusar muito porque a suprema verdade é que se Santo Ambrozio a tem até hoje servido perfeitamente e satisfeito a todas as necessidades do seu espirito, ninguem póde prever o que succederia se elegeisse qualquer outro candidato em logar d'aquelle. Dos antigos já a cidade sabe perfeitamente que succede com elles o que succede com o gaz. A sua palavra, qualquer que ella seja, não deita cheiro que incomode fóra do gazometro parlamentar, nem a sua eloquencia cae em cima dos ouvintes de fórma que seja necessario benzina para a tirar. Lisboa, portanto, vai dar algumas duzias de votos aos candidatos republicanos, como ensaio, mas em todo o caso não os elege. Prudencia; é necessaria muita prudencia, aliás podemos cair como Paris no excesso de termos barricadas e exposições universaes á moda revolucionaria em vez de as termos á moda propria, quanto basta para testemunhar que Lisboa não desdenha estas duas conquistas da civilisação.

E a prova são as barricadas... de manteiga, ás portas das tendas, e as exposições... de recém-nascidos á porta da Misericordia.

— O paiz teve afinal um soffrivel descarrilamento á moda estrangeira devido á boa vontade da companhia dos caminhos de ferro, que ha uns poucos d'annos faz todas as diligencias para nos servir esta *sensação nova*, sem de forma alguma até hoje lhe ter sido possivel. Entretanto justiça lhe seja. Com tanto afineo trabalhou, tantas diligencias empregou sobre o kilometro 92 que a final de contas aquelle kilometro sensível *cedeu*, precipitando sete carruagens n'um barranco. Se não fosse este descarrilamento quasi que não se dava pela existencia dos caminhos de ferro nacionaes. Assim ficou já constando a muita gente que de Lisboa ao Porto ha uma especie de estrada que tem no seu comprimento duas linhas de ferro — paralellas tanto quanto possivel — sobre as quaes passam diversas vezes no dia algumas carruagens engatadas umas nas outras e sollicitadas por uma locomovel posta em movimento, ao que muitos suppõem, — pela força mysteriosa d'alguns jumentos invisiveis.

Está agora provado que deixando apodrecer uma chulipa ou deixando um *rail* pouco firme é possivel que um d'aquelles comboios austeros entropce, caindo por uma ladeira abaixo como agora acaba

de succeder, magoando seriamente os passageiros, como demonstração evidentissima de que os governos conseguiram realmente dotar o paiz com o melhoramento a que alguns fantasistas nacionaes chamam ha muito tempo, *viação acelerada*.

Em quanto aos motejos que alguns mal intencionados lhe teem dirigido a proposito das carruagens tombadas, a companhia podia simplesmente fulminal-os com este sublime verso de Victor-Hugo:

Oh, n'insultez jamais une... carrosse qui tombe!

— O theatro de D. Maria II acaba finalmente de nos dar uma peça que se parece com uma obra d'arte: *A familia Danicheff*, drama em 4 actos architectado por A. Dumas sobre outro d'um principe russo, e preparado com todas as *ficelles* necessarias para dar em Paris 400 representações seguidas, e em Lisboa não cahir na primeira noite.

O primeiro acto d'este drama é soberbo como composição e como colorido. A condessa Danicheff apresenta-se ali em toda a magestade d'uma mulher de raça. A gente sente-se na presença d'um d'esses retratos austeros que se admiram nas galerias dos castellos rouqueiros, cobertos pelo pó dos seculos, impondo-se fatalmente ao nosso respeito e ao medo dos filhos-familias.

No segundo acto é como se fallasse unicamente Dumas filho por todos os personagens n'um salão de S. Petresburgo. Longas tiradas, já cansadas de folhetim, a respeito da mulher que quando é imperatriz se chama Maria Thereza, quando predestinada — Thereza de Jesus, quando inspirada no amor da patria — Joanna d'Arc, quando escritora — George Sand, quando amante — Fornarina.

N'esta peça, de que me não proponho contar o enredo muito de proposito a fim de que o leitor se dê ao trabalho de a ir ver, ha muito artificio e ao mesmo tempo muito talento. A gente não se chega a suppôr muito na Russia por haver certa falta de pelissas nos personagens; mas se por um lado escasseiam as martas zibelinas e as pelles de rapozas azues das regiões articas, em compensação ha por aquelles quatro actos fóra, um poder e um fogo theatral capazes de supprir as labaredas de cem fogões.

A *Familia Danicheff* foi ensaiada pelo sr. Luiz da Costa, em Portugal o primeiro mestre da arte dramatica, e que até hoje se tem conservado affastado da nossa principal escola pratica de declamação. Este facto exposto sem commentarios, dá idéa do valor que os nossos *governistas* tributam á arte, e explica em parte a profunda decadencia a que tem chegado o nosso theatro aos ultimos tempos, e além do theatro — o que é mais triste — o nosso espirito.

Entretanto no nosso palco ha vocações d'uma aptidão rara. Rosas, Brazão, Virginia, são d'essas taes. Fortes pelo estudo dirigido por um bom mestre, supportarão nos seus hombros todo o peso do drama da actualidade. N'esta peça já se fez sentir o esforço intelligente no novo director.

Agora a chronica ousa dirigir a seguinte supplica ao poder executivo do seu paiz. Pede-lhe para ir assistir a uma representação d'este drama — elle que supporta tantas *representações* de comedia — e meditar bem no estado lastimoso do primeiro theatro nacional. Já não se pede ao sr. Sampaio que dê á arte portugueza um novo ideal; exige-se muito menos: é que mande pôr cadeiras commodas na plateia. Se não póde *erguer* o theatro por elle ser muito pesado, que o mande ao menos forrar a papel!

Por ventura o espirito d'um ministro portuguez, ambicionará missão mais nobre do que esta?

Vá ver, pois, que ha de gostar: tem um enredo muito bonito.

GUILHERME D'AZEVEDO.

A CASA DOS OSSOS

NA EGREJA DE S. FRANCISCO D'EVORA

É festiva a entrada de Evora, porque em duas leguas de redor não se compõem os suburbios da cidade senão de quintas e mais quintas de uma frescura extrema; e o olhar exita um instante, quando depois se fixa no interior da cidade, em aceitar o estylo desgracioso da casa-ria, predios brancos, corcovados, de informes sacadas vermelhas, e ruas em que se passa por baixo de arcos acanhados e designaes... A par d'isto, e maior é o contraste, alguns palacetes magnificos, destinados a brilhar sempre por si sós, porque nunca se veja ninguem á janella...

Sente-se a solidão; predispondo o viajante a estar triste.

Cae-se n'um abatimento, n'uma postração, n'uma atonia physica e moral, n'uma melancholia phantastica.

Chega uma pessoa a suppôr que Evora desde os deuses nunca mais fosse habitada.

Á proporção que se encontra o solar de Garcia de Rezende, a Casa da Misericordia, onde estiveram as freiras maltezas, e a casa de Vimioso, em que apenas se adivinha nas janellas a ordem gothica, estando até os arabescos das cimalthas trocados por ornatos modernos, não se logra fazer idéa alguma da época em que se está, e vem logo o desejo de procurar a sepultura de Venus...

Está n'esta sepultura
A formosa Venus mettida
Que além da sua brandura
Morreu já muito madura
Tendo a espinhela cahida.

- O que ha que ver? pergunta-se.
 — A Cathedral, a Bibliotheca, e S. Francisco!
 — Primeiro o que?
 — S. Francisco depois de tudo.
 — Ah! E porque, S. Francisco depois de tudo?
 — Por originar impressão mais funda.
 — Realmente?
 — Oh!...

Este Oh! quer dizer:

— Não pode fazer idéa!

E depois de se levantarem os olhos para o céu, baixam-se humildemente como estremecendo de terror...

Pensa cada um:

— O que será, S. Francisco?!

Principia-se pela Cathedral, igreja magestosa e clara; tres entradas, a porta principal, a porta do norte e a porta do sul; vasto templo; anachronismos, erros de perspectiva e de gosto nos remocaamentos, por exemplo uma capella a interromper a linha de columnas, uma porta lateral que parece uma porta de escriptorio... A capella-mór está em desacordo com o estylo do templo, mas é de uma riqueza, de uma perfeição, que não ha remedio senão perdoar-lhe; e depois o quadro da *Invocação*, os bustos dos Apostolos, os ornatos, os marmores...

Na galeria dos arcebispos os retratos de Fr. Miguel de Tavora, D. João da Cunha, da casa de S. Vicente, D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, da casa de S. Miguel, retratado depois de morto, Fr. Manuel do Cenaculo, Santa Clara, Fr. Patricio da Silva, Annes de Carvalho. Falta o de S. Boa Ventura.

Na casa das vestimentas um numero incalculavel de vestes sacerdotaes, bordadas de grande riqueza, maravilhas de paciência e de opulencia... Vê-se uma cruz de pedras preciosas, ou que foi de pedras preciosas, pela qual em tempos se offereceram quatrocentos contos de réis.

O côro é notavel em trabalhos de entalhadura; as cadeiras são cheias de arabescos, ornatos, figuras, emblemas profanos, e principalmente agricolas, como era o gosto da época.

Sobe-se á torre, contempla-se do terraço os suburbios, avista-se o convento das freiras de S. Bento, o aqueducto, a Cartuxa, o forte de Santo Antonio, o convento dos frades do Espinheiro, um ponto escurto que é Evora Monte, Redondo, S. Miguel de Machede, a Serra de Alpedreira, a ermida de S. Pedro de Portel, a encosta e villa de Vianna onde se deu a batalha de 1846, e a serra de Montemor mettendo a cabeça nas nuvens...

Espalha-se a vista por aquella amplidão; e a alma sente-se humilde, hesitante, enlevada, como o athmo que nos calores do verão se ergue e se perde na athmosphera fluctuante...

— Aquell'outra igreja é S. Francisco?

— É. Mas, isso, no fim; depois de tudo.

— Ah!

Passa-se á Bibliotheca.

A Bibliotheca publica de Evora deve-se a Fr. Manuel do Cenaculo, considerado a flor dos arcebispos eborenses, que colligiu trinta e tres mil quatrocentos e vinte e quatro volumes, a que uniu avultada quantidade de manuscritos e pinturas, offerta avaliada em trescentos mil cruzados. Pela guerra da peninsula foi desbaratada a livraria. A Bibliotheca teve na sua fundação um perfeito, um vice-perfeito, tres bibliotecarios, um cartorario, e um continuo, que entraram em serviço em 1811 sendo a vontade do prelado, na creação de tão util estabelecimento, confirmada pela bulla expedida no Rio de Janeiro em 12 de dezembro de 1810, undecimo anno do pontificado de Pio VII, assignada pelo nuncio Lourenço, arcebispo de Nicibene, precedida de licença regia de 21 de maio de 1807, e com o regio exequatur de 18 de janeiro de 1815... Quando eu a visitei tinha a Bibliotheca por empregado — um continuo.

— Vamos agora a S. Francisco?

— É tarde. Depois viria a noite sobre as impressões recebidas; e as cruéis inquietações dos sonhos...

— Ah!

— Amanhã.

— E agora, mais nada?

— Mais nada. Theatro, á noite; se houver theatro.

Ha theatro muitas vezes. Companhias ambulantes. Na primeira recita, á hora de principiar o espectáculo, chegam, a pouco e pouco, ranchos e ranchos de homens. Enchem a platêa. Nos camarotes um homem, outro homem, outro, outro... Á primeira representação vão só homens; se a peça é má, não volta lá ninguém; se é boa, na segunda recita vão as famílias.

De manhã, ao accordar vem logo a idéa de ir vêr S. Francisco...

— Antes de almoço, ou depois de almoço?

— Depois de almoço. E almoço forte.

— Ah! Forte?

— Forte.

Almoça-se forte. Assorda, bifes, paio, e vinho.

— Partamos!

A igreja, logo vista de fóra, é linda. Frontispicio gothico, portada no gosto Manuelino; por baixo das armas do lado direito refere-se a D. João II, que foi o que principiou a obra: do lado esquerdo a D. Manuel, em cujo reinado se concluiu. É historica por ter pertencido aos templarios, por haver sido freguezia em que foi prior André de Rezende e por instituir n'ella D. Manuel a irmandade da Misericórdia de Evora, que é a segunda do reino. Por dentro, é uma igreja alegre,

elevadissima, de columnas graciosas, paredes finas, tom de variedade e de elegancia... Lá está o jazigo dos Cogominhos, companheiro um d'elles de Giraldo sem pavor... Alli está enterrado tambem, mas não se sabe o sitio, o nosso Gil Vicente.

De repente, um padre, o sacristão, um *cicerone*, alguém que nos acompanhe, diz friamente:

— A casa dos ossos.

Em se lá entrando, adeus mundo, adeus tudo; sente uma pessoa que está a metter-se no papo da morte...

Ossos, e ossos; caveiras por todos os lados, tibias, e tibias...

Tentou outr'ora a velha antiguidade, como lhe chama o Bocage, expressar nos monumentos a idéa da morte; punham os egypcios aquelle sêllo da melancholia do seu genio em tudo que faziam, e, em quanto os gregos, elegantes sempre, gravavam apenas nas campas uma borboleta como unico emblema que consagrasse á morte os marmores funerarios, a Italia representava em baixos relevos, em bronzes, em pinturas, espectros e esqueletos... Mas n'isso havia intenção, era um protesto contra o orgulho dos grandes para os humilhar, e por isso os velhos poetas entremeavam os regosijos com a imagem da morte para os tornar mais vivazes. Na casa dos ossos, porém, nem intenção, nem arte. A fria brutalidade. Dir-se-hija uma brinadeira de máo gosto, uma *troça* atrevida de rapasiada brava á triste solemnidade da morte...

Alguns que entram, fingem gostar. Há gente que faz gala n'esse arremedo de coragem. Uma das coisas de que mais gostava o Byron, por ser, ou para ser o homem das excentricidades, era ir em Londres a Hyde-Park n'uma sege de defunctos.

Mette nojo, essa casa dos ossos. A tristeza vive alli no horror, no silencio, e na noite. É-se assaltado logo de idéas confusas, tradições vagas, sonhos pesados, que transfiguram tudo. Herdava o paladino fabuloso a força dos que matava, e a gente parece mudar em seus os ossos que vê alli.

O soprar da brisa, entrando pelas frestas altas do templo, é glacial, n'aquelles corredores, n'aquella casa deserta e lugubre, aonde parecem passear a toda a hora fantasmas da noite, espantalhos funebres, a dizerem-nos que amanhã haverão de anivelar-se connosco no eterno pó...

É o mesmo que provar o amargor mortifero, para, como diz o outro, conhecer de tudo. Os pagãos mandavam fazer covas e tumulos á porta das casas em que moravam, para nunca deixarem de ter presente a idéa do que espera a todos. A casa dos ossos é uma especie d'isso; nem sequer figura a morte por simulacros, talvez porque simulacro venha de simular, fingir o que não é, mas mostra nos ossos descarnados, frios, do chão ao tecto, formando as paredes, e com isso imprime a idéa da morte, melhor que por todas as descrições e parabolias.

Quanto se está longe alli dos albuns, das photographias, dos quadros a oleo, em que a gente gosta de poder contemplar os retratos das pessoas amigas; alli o conceito é que seja preferivel contemplar a figura e representação da morte nos destroços d'ella.

Está lá de mais a mais um pessimo soneto, que ainda augmenta o enjoo, como sempre succede com versos mal feitos. É o caso que havendo os frades encontrado um cadaver incorrupto, deram-se ao appetite de lhe consagrarem estes ridiculos versos:

Aonde vaes caminhante acelerado?

Pára aqui, não prosigas mais adiante

Que negocio não tens mais importante

Que este que aqui vês pendurado.

Quantos d'esta vida tem passado!

Olhá que a tua ha-de ter fim semelhante,

Que é para meditar causa bastante

Terem todos os mais n'esta parado.

Pondera que influindo d'essa sorte,

Entre negociações do mundo tantas,

Tão pouco consideras na da morte

Porém se o pensamento aqui levantas

Pára, porque em negocio d'este porte

Quanto mais tu parares, mais adeantas.

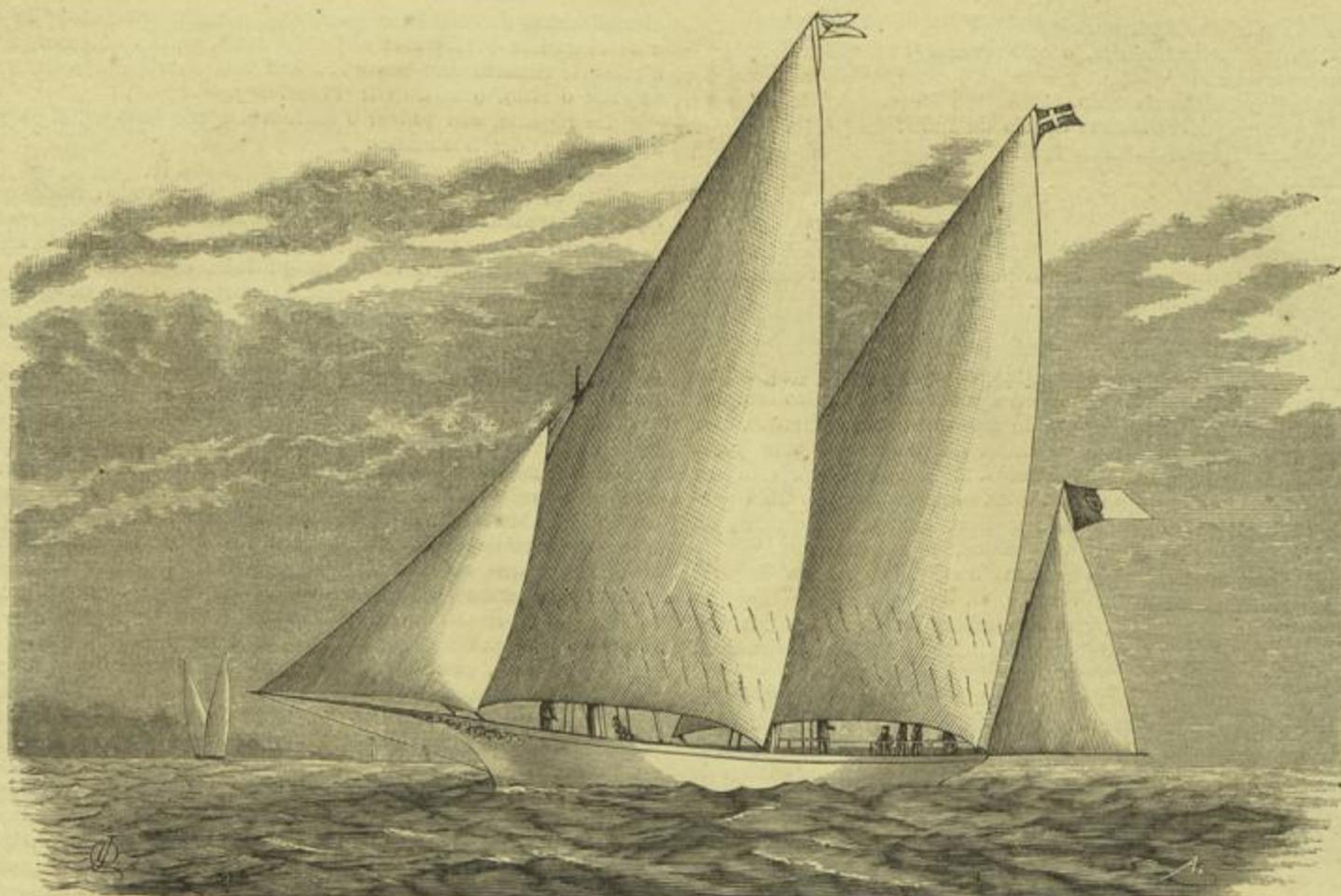
*Pára aqui... Não prosigas... Menos isso! Lembra o *Caveus cavum ducit et ambo in focam cadunt*... Tenha o povo de Evora a devoção que quizer com essa casa dos ossos, e concorra ali ás sextas-feiras com o mesmo fervor com que em Lisboa se afflue á igreja da Graça; mas parar, e nunca mais proseguir, é exigir talvez de mais em honra d'aquellas paredes construidas d'ossos.*

A saída ha um esqueleto com estas palavras:

Nós ossos que aqui estamos

Pelos vossos esperamos.

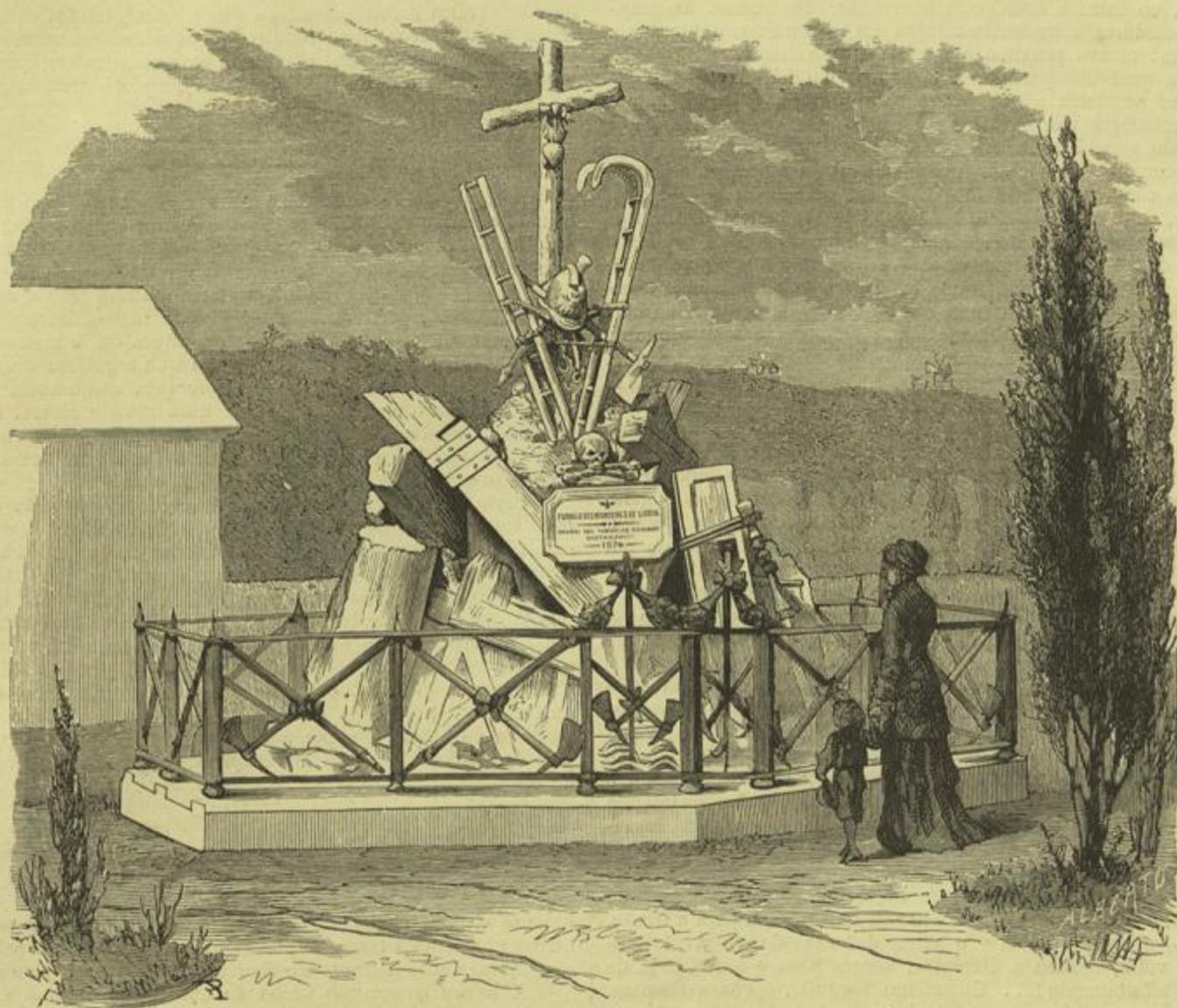
Dizem os cirurgiões, que ha exemplo de doentes a quem se tenha cortado um braço ou uma perna, queixarem-se ás vezes, em certas condições de temperatura, de soffrerem da perna, ou do braço, que já não têm. Dá-se alli, com os visitantes, ainda mais que este phenomeno. Ao ir um homem lá parar com os ossos, sente-se esfriar... nos que lá vê.



SIRIUS — Yacht de recreio de Sua Magestade El-Rei D. Luiz, vencedor na regata da Real Associação Naval de 15 de agosto de 1878 — (Desenho do natural por J. Dantas)



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Descarrilamento de comboio no kilometro 93, proximo de Matto de Miranda, em a noite de 15 de agosto de 1878
(Segundo um desenho tirado no lugar do sinistro por C. Alberto)



TUMULO DOS BOMBEIROS DE LISBOA NO CEMITERIO OCCIDENTAL (Segundo uma photographia)

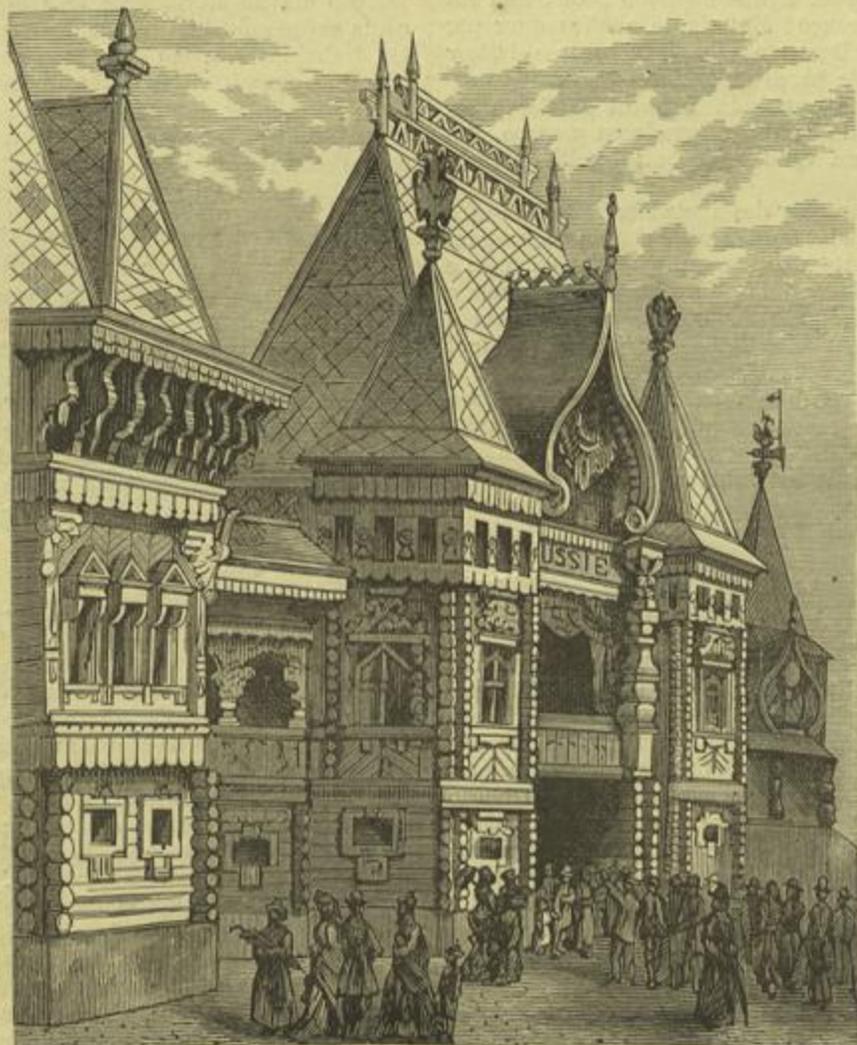
O SIRIUS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878

Foi vencedor, foi rei na ultima regata, sulcando as aguas da barra. Haviamos-lhe vaticinado essa gloria. Nem vento nem mar o affrontam: só a calmaria lhe tolhe os movimentos, o faz gottoso... Representando a mais brilhante das estrellas fixas de uma das constellações que matisam o céu, sustentou — na região das aguas — o seu poderio, impedindo o passo ao Touro e o vôo á Aguia! Alcyon e Althair, baptisados sob a influencia de outros grupos luminosos, foram dignos rivaes do symbolizador da *Canicula*, consoante o dizer popular. Foi-lhes verdadeiro cerbéro, se nos é permitido transferir o Inferno para a parte liquida do globo...

Antes porém de os acompanharmos em vertiginosa carreira convirá descansar, tomando folego. Para que os leitores não bocejem muito vamos entretel-os com a historia da antiga regata, pedindo desde já licença para lhes apresentar o heroe da festa moderna.

Teve origem a regata nos primitivos tempos da republica veneziana: era um dos mais luzidos divertimentos nacionaes. No dia de corrida das gondolas convertia-se Lido em rendezvous. O governo facilitava a conducção de pas-



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA RUSSIA NA RUA DAS NAÇÕES (Segundo uma photographia)

sageiros. Alguns empunhavam os remos e exercitavam-se na profissão dos remadores. Assim começaram as justas maritimas. Os barcos conservavam-se enfileirados e só partiam a um signal convencionado. D'ahi o nome de *Rega*, que o decorrer do tempo mudou para *Regata*.

Quando a republica attingiu o seu maior grão de esplendor tomou aspecto deslumbrante o espectáculo maritimo. Cada uma das gondolas era dirigida por dois homens, vestindo á *Castellani* ou á *Nicolotti*; isto é, segundo o trajar aristocratico ou democratico dos habitantes do bairro do Castello ou de S. Nicolau, e que constituíam os dois partidos de acção. Então, como hoje eram, escolhidos os mais fortes de corpo e os mais destros no manejo do remo.

O alvoreço que a aproximação da regata causava na cidade era indscriptivel. Não havia precaução que os luctadores deixassem de tomar. Ao alvorecer do grande dia cada remador deitava ao pescoço os relicarios de Santo Antonio e de S. Marcos, e faziam-se acompanhar dos seus melhores amigos para orar na igreja *d'ella Saluti*. Ao soar da hora aprazada lançavam mão do remo e aguardavam o momento de partir. A um tiro de peça cada tripulante se curvava sobre o ligeiro barco, fa-

zendo-o saltar, ao lume d'agua, com o arrancar dos remos. Ao reaparecer dos luctadores a multidão rompia em estrondosos applausos e freneticos vivas: estava proximo o momento da victoria.

Decidido a qual dos partidos pertencia a bandeira vermelha seguiam todas as gondolas a que conduzia a musica, e percorriam o canal. Os espectadores apinhavam-se, a confusão chegava ao auge, e o contentamento generalisava-se.

Ao anoitecer era ainda mais surprehendente o spectaculo. Fogos de Bengala de côr verde, vermelha e violeta, realçavam as fachadas dos palacios e, duplicando-os pelo reflexo na agua, faziam lembrar os contos de fadas e os seus castellos de esmeraldas, de rubis e saphiras.

A regata de hoje, ainda quando entre inglezes, está longe de significar o que foi. Em Portugal havia chegado a quasi completa decadencia, quando o sr. D. Luiz I tomou a iniciativa de a fazer animar, mandando construir o *Sirius*, encargo que confiou ao seu ajudante d'ordens o capitão-tenente da armada Carlos de Sousa Folque Possolo, tendo n'esse empenho como auxiliares os habéis peritos Thomaz Antonio Gonçalves e Diogo Jorge Batalha.

Mede o victorioso *Sirius* 60 pés no seu comprimento, 12 na sua maior largura e 10 de pontal. É barco de fórmãs alindadas e de muita estabilidade. Ao centro tem um salão com sophá em volta, aparadores nos cantos e espelhos ás amuradas. A ré, e a estibordo, estão o gabinete da rainha e o quarto da camareira. Do lado opposto é o alojamento do commandante. Avante, e a estibordo, ha o camarim do rei, sendo a bômbordo o quarto do ajudante de campo. No alojamento de prôa accommodam-se oito pessoas, o mestre e sete tripulantes. Arma a cabique, envergando latinos em dois mastros e catita no terceiro. A bujarrona completa-lhe o panno, de airoso talho e perfeito acabamento.

Agora a *regata*, em corrida de 40 milhas!

Eil-os, em posição, rebrilhando com o sol no zenith, os adversarios do famoso torneio, o alvo de uma povoação maritima enthusiasmada, os veleiros: *Sirius*, *Althair*, *Aleyon* e *Mina*. Balanceiam-se aguardando o signal de partir como inquietos corceis de raça em vistoso hypodromo. Ao troar do canhão, mandando preparar, despedaçam o junco que lhes enleia as velas com a prestesa da pomba, ensaiando vôo, para se desprender d'um fio de seda! Novo tiro de peça dá movimento, aos insoffridos, em espaço balisado. Lá vão, sendo primeiro *Althair* e ultimo *Mina*. O *Sirius* entra no terceiro logar da fileira. Mas, em pouco tempo avança, avança sempre até meia distancia da balisa do *Pato*. Acalma-lhe ahí o vento, e os mais bonançosos passam para a frente, aproveitando — quanto possível — o batter das azas do seu rival. Consegue fazer a volta, retoma a dianteira, singra para o norte, é já de uma milha o afastamento!... Está um segundo, aprôa a Cascaes, seguem-lhe todos o movimento. Arriba! arriba todo, mette-se entre o *Mina* e o vapor da commissão; passa primeiro a balisa de *Rana*! Bravo, *Sirius*; bravo timoneiro! Demanda novamente a balisa do *Pato*, perde caminho, sentindo os effeitos de uma calmaria importuna, os inimigos aproximam-se, ganham-lhe vantagem. Não importa, a volta faz-se, o vento reaparece, o *Sirius* espanja-se, agita-se quanto pôde; está em Cascaes, tem minuto e meio de avanço! Entretanto o *Mina* quer por sua vez cortar a prôa ao inimigo. Descarrega bordada sobre o *Althair* e deixa-o *desasado*... É alma d'este barco (a *pichorrenta Prênda* convertida em *Aguia*) o nosso amigo e camarada Teixeira de Carvalho. Apesar de *empandeirado*, para fóra do combate, agradeceu o acaso. Desejava vencer *Sirius* mas não queria vel-o perder... Excellente coração, dedicado servidor!

O incidente não affrouxa a coragem dos luctadores. Realisa-se a terceira investida; está rija a nortada. Os barquinhos gemem, rasgam com a quilha o seio da vaga, disputam o passo nas balisas de *Rana* e *Pato*, mettendo agua até á *bracola do poço*!... Terceiro tiro annuncia o termo da corrida. Hurrah! Hurrah! pelo *Sirius*, faz êcco em toda a villa de Cascaes. *Aleyon* apôrta com 17 minutos de differença; mal podia já aguentar o traquete.....

Consta que el-rei, vencedor sem contestação, deseja que o valioso premio, conferido ao seu barco de recreio, seja incentivo para nova liça entre os vencidos.

Nobreza de rei e generosidade de marinheiro.

J. VIANNA.

AS NOSSAS GRAVURAS

A INFANCIA DO ARTISTA

A *Infancia do artista* foi apresentada pelo seu auctor Soares dos Reis na exposição promotora de bellas artes de Lisboa em 1876, recebendo-a ahí um justo brado de admiração. Era a revelação de um formoso talento, de uma d'essas vocações raras e privilegiadas que não são vulgares em todos os tempos e em tódos os paizes. A par da profundeza da concepção manifestava-se um grande poder de execução no escopro que assim fazia resaltar do marmore, em vigorosos impetos de vida, uma musculatura animada e palpitante, traduzindo n'um sorriso ingenuo e infantil, a intima sensação de um espirito predestinado.

Este artista, depois de cursar a Academia de Bellas Artes no Porto, estudou em Paris e Roma com Jouffroy e Monteverde, inspirando-se na contemplação das obras dos grandes mestres, e retemperando o espirito n'esses mananciaes fecundos.

A *infancia do artista* prova bem que taes lições não foram inuteis para o artista portuguez.

Na exposição de Paris, a *infancia do artista* acaba d'obter uma menção honrosa, distincção certamente inferior ao seu merito, mas

que se explica se attendermos a que n'estes grandes certamens industriaes as distincções nem sempre correspondem ao merito do producto.

A formosa estatueta, executada em marmore de Carrara, pertence hoje á sr.^a duqueza de Palmella, uma amadora distincta, tambem laureada n'estas justas gloriosas da arte.

O DESCARRILAMENTO DO CAMINHO DE FERRO DO NORTE E LESTE

Na noite de 13 para 16 do mez de setembro, cerca da meia noite, deu-se no kilometro 92 entre as estações de Valle da Figueira e Matto de Miranda, um desastre lamentavel e que podia ter as mais serias consequencias. Devido ao mau estado da linha que n'aquelle ponto já dera indicios nos dias anteriores de manifesta ruina ou imperfeição na construcção, parte do comboio que de Lisboa saíra em direcção ao Porto precipitou-se de um talude da altura de 3 metros, salvando-se apenas a machina o *tender* e o *fourgon* que seguiram avante. Os outros carros em numero de sete, a começar pela ambulancia do correio da qual se partiu o engate, caíram de uma grande altura. Por felicidade o comboio conduzia poucos passageiros, os quaes em grande parte ficaram contuzos. Ha a lamentar uma morte e alguns ferimentos de gravidade mas já hoje em via de completa cura.

Parte da imprensa censurou asperamente por esta occasião o estado imperdoavel de desmazelo e de desleixo a que a companhia dos caminhos de ferro do norte e leste deixou chegar as linhas que administra; e o governo nomeando uma commissão para inquerir d'este facto, parece ter dado razão á opinião e á imprensa. Resta simplesmente que depois de se nomear a commissão se faça uma coisa muito mais pratica e muito mais proveitosa: Reformar o material e aperfeiçoar o serviço.

A nossa gravura, copia de um desenho mandado tirar expressamente dá idéa perfeita da disposição do local em que se deu o desastre e do estado em que ficaram as carruagens de passageiros depois da queda. Fazia um luar esplendido que deixava ver claro como de dia.

O TUMULO DOS BOMBEIROS NO CEMITERIO OCCIDENTAL

Ha em Lisboa uma corporação de homens valentes e corajosos que desinteressada e constantemente arriscam a vida na salvacão dos haveres e da existencia dos seus semelhantes. É a corporação dos bombeiros municipaes tantas vezes celebrada na imprensa pela sua dedicacão, tantas vezes honrada em decretos dos governos pelo seu heroismo.

A briosa corporação acaba de mandar levantar a expensas suas, em terreno que a camara municipal de Lisboa lhe cedeu no cemiterio Occidental, o jazigo representado na nossa gravura. O risco é do distincto architecto Antonio José Dias da Silva e a execução da obra deve-se aos habilissimos canteiros Antonio da Silva Bravo e Caetano Nunes.

No dia 25 do corrente teve lugar com toda a solemnidade a tocante cerimonia da trasladação das ossadas de alguns d'esses modestos trabalhadores, em numero de 11, para o seu novo jazigo. Este acto de humanitaria devoção, dirigido pelo sr. Carlos Barreiros, intelligente inspector dos incendios, que com tanto brio preside á valente corporação dos bombeiros municipaes, realizou-se no meio do recolhimento solemne de uma grande multidão entre a qual se achavam representantes da imprensa e de todas as classes da sociedade.

A FACHADA DA RUSSIA NA RUA DAS NAÇÕES

Se a fachada do pavilhão russo na exposição de Paris, não é das mais bellas como peça de architectura, como construcção desenvolvida é das mais importantes e das mais pittorescas tal qual se pôde ver da nossa gravura. É a reproducção quasi exacta do palacio Koloma aonde nasceu Pedro o Grande nos arredores de Moscow. Sobre um comprimento de 40 metros, compõe-se esta fachada de cinco corpos distinctos construidos da excellente e celebrada madeira de pinho do paiz, offerecendo os detalhes mais curiosos ao exame dos visitantes.

NOTAS SOLTAS

ENTRAR EM CONVENTOS

Um successo que ha poucos dias se deu em um dos conventos d'esta cidade, faz-nos lembrar o que acontecia em tempos passados.

Desde o meado do seculo XVII em diante, houve tal mania freiratica, que era raro o individuo de certa qualidade, elegante e de bom gosto, que não tivesse freirinha a quem dedicasse os seus mais delicados affectos. Eram as grades continuas; allí se tinham assembléas á moda do tempo, em que os jogos do espirito tomavam grande parte. Os conceitos, os trocadilhos, as agudezas, tudo chovia e cruzava n'aquelles certames amorosos, alcandorando-se os gamenhos do tempo na contemplação das esposas do senhor. E não eram só os rapazes despreocupados, mas homens graves, revestidos de elevados cargos da magistratura ou milicia, que depunham os votos do seu coração n'aquellas aras monasticas. Pois dos religiosos, isso então não fallemos. É curioso ler em centenaes de volumes manuscritos, que ainda se salvaram dos conventos, a quantidade de obras, em verso e prosa, relativas a casos succedidos nos mosteiros de monjas, e cuidadosamente colleccionados

pelos frades. Constam elles de discursos, invectivas, queixas, contumelias, epigrammas, e tambem de sermões, orações, bullas, litánias, etc; em summa quasi todas as formulas do ritual se transformaram, nas mãos dos reverendos nonos, em desenfado de freiras, mas em geral com uma frescura de pensamentos, e ás vezes até de expressões, que faz hoje pasmar, porque uma grande parte d'essas peças eram lidas, gostadas, saboreadas, applaudidas e commentadas pelas delicadas ovelhas d'aquelles monachas rebanhos.

Tinham ellas a culpa? tinham-na elles? Não; tinha-a quem consentia os votos obrigados, forçados e extorquidos ás victimas, quer d'um, quer d'outro sexo, por paes menos escrupulosos, que deveriam ao menos prever, que com suas filhas se daria o mesmo, que elles haviam passado com as dos outros.

Como aquellas pobres raparigas, novas, intelligentes, mais ou menos cultas e bellas, não saíam da grade depois de taes sessões! e o que não se passaria em seus conciliabulos nocturnos e diurnos, ao commentar os ditos que se haviam allí cruzado, ou as obras que algum frade magano, ou mancebo folgazão lhes entregára para desfazio das abstinencias claustraes! Ferviam as recordações, das recordações nasciam as suspeitas, das suspeitas rompiam os desejos, dos desejos rebentavam os planos, e os planos convertiam-se em execuções. Por isso aquellas casas, que deviam ser templos de Vesta, impollutos e vedados, eram invadidos a deshoras, dando esses casos logar a encontros, pendencias e desastres.

Desde tempos antigos celebram as nossas chronicas factos d'esses. Um dos mais notaveis, é o d'aquelle valentão, Martim Affonso de Sousa, Rico Homem de D. João 1, que antes de entrar na batalha d'Aljubarrota, fez voto de que, se saísse d'ella incoólume e victorioso, iria passar *uma semana*, ao convento de Rio Tinto, com a joven abbadessa. A batalha venceu-se., Martim Affonso fartou-se de dar cutiladas, e não apanhou nem uma beliscadura, e por isso, logo que lhe aprouve, lá se foi caminho do norte, onde cumpriu cabalmente o seu voto. E não julguem que a abbadessa era qualquer beguina maltrapilha, sem nome nos nobiliarios; era nem mais nem menos que D. Aldonça Rodrigues de Sá, filha de Rodrigo Annes de Sá, que fôra nosso embaixador em Roma, e de sua mulher, uma princeza Cecilia Colona, e irmã do famoso João Rodrigues de Sá, o das galés, outro valentão d'aquelle tempo, amigo e companheiro de aventuras do grande condestavel; e tantas foram as idas, as estadas e as ficadas, que o nosso heroe teve da linda abbadessa não menos de cinco filhos, que chegaram a comer pão com codea; e dizem que a virgem Maria favorecera os nossos! que contricção para entrar na batalha!

Pois ahí por 1723 a 24 succederam casos bem galantes, na entrada que certos apaixonados fizeram, ou tentaram fazer, em alguns conventos. Um, cujo nome nos não occorre agora, foi preso, julgado e condemnado á forca por ter entrado, no convento de Sant'Anna d'esta cidade, disfarçado em aguadeiro; felizmente quando em sabbado 18 de março de 1724, o pobre e desventurado amante ia de alva vestida, caminho da forca, ladeado por algum tonsurado, — que commettia talvez o mesmo delicto quasi todos os dias, sem aquelle risco, — eis que, ao passar pela rua dos ourives da prata, lhe chegou, perdão d'el-rei. Tornaria elle a ter freira (como então se dizia) ou voltar-se-hia de todo para as seculares como aconselhava um escriptor do tempo?

Outro, que, se bem nos lembra, se chamava Antonio Machado, foi apanhado com a bocca na botija, isto é, com a saca ás costas, pretendendo entrar no convento da Rosa, disfarçado em carvoeiro! Não sabemos o que lhe succedeu.

Outro, o conde do Rio, foi preso tambem em Odivellas, onde entrou, ou queria entrar, transformado em azeiteiro, com um odre de azeite ao hombro! Foi conduzido á Torre de Belem, onde a agua que discorre em torno, lhe poderia fazer esfriar a ardencia do amor. O mais engraçado de tudo é que o auctor d'estas prisões, alcunhado por um commentador de *perseguidor dos freiraticos*, era o desembargador *Bacalhão*. — O nome do magistrado posto em correlação com os disfarces dos tres amantes, deu pabulo á musa zombeteira do tempo, nomeadamente ao mui faceto, e livre de mais, Thomaz Pinto Brandão, que celebrou este caso em engraçadas decimas. Remataremos com esta poesia, característica do tempo, d'um anonymo, que se refere aos tres casos.

Vilancio prohibido na Rosa, Sant'Anna, e S. Bernardo

Introdução ou aria

Freiraticos accordai,
Vede amantes miriposos,
Que tocam a fogo Rosas,
E Annas dizem agua vai.

Coplas ou recitado

Porque das Rosas o amor
Accendia um carvoeiro,
Quiz das Annas o aguadeiro
Apagar-lhe tal ardor;
Ambos, com igual valor
E tambem com igual magos,
Entraram na ardente fragoa
A seu pesar e a seu rogo,
Este, por meio do fogo,
Aquelle, debaixo d'agua,

Mas que importa-tal desvollo
Por uma carne tão curta,
Que logo em bacalhão para,
E por força hão de cozê-lo?
Freiraticos de mão zello
E de mais galla e mais brio
Tende a tal carne fastio,
Que já agora, bom ou máo,
Sempre ha de haver bacalhão,
Uma vez que entrou no rio.

Recitado

Fugi a toda a pressa,
Pois que de andar não cessa
O bacalhão pescando,

Umaz vezes correndo, outras voando;
Ao alargar as vellas,
Nem lhe escapam os rios de Odivellas,
Mostrando n'este intento,
Que é em pescar um bacalhão de vento.

Aria

Não ha de cessar,
De vos perseguir,
Trate de escapar,
Vede que é marão;
E até as criadas
Nos leva pescadas
O tal bacalhão.

São bem claras as allusões ás freiras de Sant'Anna, da Rosa e de Odivellas, ao carvoeiro, ao aguadeiro, ao conde do Rio e ao desembargador Bacalhão.

JACINTHO PERES.

REFLEXOS DE VICTOR HUGO

O SAPO

O que sabemos nós da essencia do que existe?
Rosava o sol poente as nuvens, — hora triste;
Mas era ao clarear d'uma tormenta, e o sol
Transformava o chuveiro em vermelho arrebol.
Á beira d'uma estrada, ao pé d'um negro charco,
Um sapo contemplava o iris e o seu arco;
Sciismava, absorto; o horror admirava o esplendor.
(Porque existe a fealdade e porque existe a dôr?
D'Augustulos o Baixo-Imperio estava cheio,
Os Cesares d'acções cruéis; o sapo é feio,
Tem chagas, como o céu tem soes e o prado flôres).
Brilhavam no arvoredado as purpurinas côres;
A agua luzia na herva em perlas e no chão:
Desfraldava-se a noite assim como um pendão;
A ave balbuciava um canto esmorecido;
Tudo se apaziguava; e, alegre, em pleno olvido,
O sapo, sem temor, sem pejo, sem odiar,
Serenamente contemplava a auréola solar;
O réprobo talvez se julgasse bendito;
Ha em todo o animal reflexos do infinito;
Não se encontra um olhar, por mais abjecto e vil,
Sem lampejos do céu, na fera ou no reptil;
Nem monstro rameloso, immundo, vesgo, alvar,
Sem as constellações do azul no seu olhar.
Um homem que passava encontra o horrendo sapo,
E põe-lhe em cima o pé, como quem piza um trapo;
Lia um livro, era um serio, um grave sacerdote;
Depois, uma mulher com flôres no decote,
Com a ponta da sombrinha arranca um olho ao pobre,
E esse padre era velho, e a dama, bella e nobre;
Quatro collegiaes surgiram em tropel.
— Eu, em criança, fui muitissimo cruel; —
Eis como todos nós, na terra pervertida,
Podemos começar contando a nossa vida.
A alegria, o brincar, as doidas esperanças,
O carinho das mães, aquecem as crianças;
São livres, tem o amor, aspiram com prazer
O ar puro do bom Deus: que mais hão de fazer
Senão mártirizar algum ser desvaldo?
O sapo ia fugindo a rastos, perseguido.
Coloria o horisonte o azul das tardes mansas;
Elle buscava a sombra; avistam-n'o as crianças
E gritam: «Vamos nós matar este animal;
É tão feio! que horror! vamos fazer-lhe mal.»
Fallavam juntos, riudo, — é a rir que a infancia mata; —
Um d'elles começou tirando-lhe uma pata;
E com agudos paus mexiam-lhe nas chagas,
Contentes; o animal vertia sangue em bagas;
Passava gente a rir do mártir, que na dôr
E, mesmo ao expirar, não tem um estertor;
E o sangue, em borbotões, medonho ia correndo,
D'aquelle que só tinha um crime: o ser horrendo;
Continuava a fugir, tendo a perna arrancada;
Batia-lhe um rapaz com uma pá «mossada»;
Cada golpe fazia escumar esse pobre
Que, mesmo quando a luz d'um bello dia o cobre,
Rasteja n'uma poça e aspira podres gazes;
«Olha! a babar-se, o mau!» diziam os rapazes,
Tinha um olho pendente, a cabeça nadava
Em sangue, e elle, medonho, horrivel, caminhava.
Em vez de se apiedar do horrendo, a gente pune-o!
Oh! que sinistra acção, agravar o infortunio!
Accrescentar o horror aos tristes aleijões!
Mutilado, de pedra em pedra, aos traubolhões,
Ainda respirava, ia fugindo á sorte;
Dir-se-hia que por ser tão feio, a propria morte
Lhe recusava ab ir o seu fatal regaço;
Queriam apanhal-o as crianças n'um laço,
Mas foi-lhes escapando ao longo d'uma sebe
E entrou na estrada Como um infeliz que embebe
N'um balsamo a ferida, e a dôr um pouco perde.
Sentiu algum frescor n'essa cloaca verde,
Lavando a malvadez dos homens n'essa lama;
E as crianças, brilhando em seus rostos a chamma
Da rosea primavera esplendida, florida,

Nunca tinham brincado assim na sua vida;
Gritavam: «oh Luiz, oh Paulo, dêmos cabo
Do patife: uma pedra! e morra este diabo!»
Não largavam de vista o moribundo sapo
Que, por milagre á morte horrível inda escapo,
Via com desespero aquelles rostos alvos.
— Homens! tenhamos fins mas não tenhamos alvos;
Um ponto do horizonte humano, se o visamos,
A vida, e não a morte, em nossas mãos tenhamos. —
Dardejavam no sapo os olhos á porfia;
Era o furor unido ao extase, á alegria;
— Entre os cardos do mal tambem o lirio medra! —

Os que vivem no inferno, e no céo, valem tanto
Uns como outros, se acaso os funebres precitos,
Sendo tristes, são bons, tornando-se bemitos.
Espectaculo augusto, esplendido, que assombra!
Sublime exemplo! a sombra a socorrer a sombra,
O estúpido com dó do horrendo e contrafeito,
O bom — maldito — dando o exemplo ao mau — eleito!
O animal avançando e o homem a recuar!
No pallido arrebol da luz crepuscular,
A besta ás vezes sente e pensa que é irmã
Do mysterioso alvor benigno da manhã;
E basta que um clarão de graça brilhe n'ella



... Avista o sapo, e, triste, abaixa a fronte, — absorto, (Illustração de M. de Macedo)

Um dos rapazes veio armado d'uma pedra
E disse: «Vamos ver o que succede agora.»
Mas ao mesmo lugar, e aquella mesma hora,
O acaso conduzia um velho burro enfermo
Que ia puchando um carro e que chegava ao termo
Do seu duro trabalho apoz um longo dia,
Farejando não longe a sua estrebaria;
Era um jumento côxo, estropeado, magro,
Surdo, estafado, um triste, um lastimoso onagro;
Cada passo dos seus dir-se-hia o derradeiro;
Zurzia-o cruelmente o rude carroceiro;
Tinha no seu olhar, nas pupillas veladas,
A morna estupidez das almas assombradas;
E o caminho era mau, a agua encharcara-o todo,
Era ingreme; a roda, enterrada no lodo,
Soltava como um fundo arranco, um grito rouco;
E o burro ia gemendo, e o carroceiro, louco
De zanga, praguejava e zurzia o jumento
Que scismava, passivo, e caminhando lento,
N'uma profundidade a que não chega um homem.

Sentindo a roda e o burro, antes mesmo que assomem,
Os rapazes, voltando o rosto, vêem o que era:
«Não atires a pedra ao sapo; espera, espera!
— Gritam elles — Vês tu? o carro vai descer
E passa-lhe por cima, o que dá mais prazer.»

E olhavam.

De repente, o burro chega á beira
Do monstro que esperava a angustia derradeira,
Avista o sapo, e, triste, abaixa a fronte, — absorto,
Sobre um mais triste, — cheira o martyr quasi morto...
E, offegante, empastado o pello em sangue e pó,
O réprobo, o maldito, o burro, teve dó;
Recobra a sua força extincta, e, embora exangue,
Retezando o cabresto e o jugo, a carne em sangue,
Resistindo ao carroeiro, o qual bramia: «Avança!»
Vencendo a collusão da carga, com pujança,
Acceptando essa lucta, embora o corpo lhe arda,
Puchando emfim o carro e levantando a albarda,
Todo afflicto, desvia a roda inexoravel,
Deixando atraz de si viver o miseravel.

Depois, sob o chicote, o burro emfim caminha.
Deixando então cahir a pedra que sustinha,
Quem escreve esta historia, uma d'essas crianças,
Ouviu dizer-lhe o céo estas palavras mansas:
«Meu filho, para o mal não ergas nunca a mão!»

Bondade do imbecil! diamante do carvão!
Divina luz da treva! enigma sacrosanto!

Para que seja igual á sempiterna estrella,
O burro que, zurzido a golpes de chibata,
Moribundo, sentindo em sangue cada pata,
Se arreda a tanto custo a fim de não esmagar
Um sapo vil na lama, esse jumento alvar,
Cançado, ignobil, sujo, e cheio d'abjecção,
A Sócrates excede e é maior que Platão.
Oh philosopho, oh sabio, oh barro vil, tu pensas?
Procuras a verdade involta em nuvens densas?
Pois chora, crê, mergulha em infinito amor!
Quem é bom vê melhor, que o fino observador;
O estúpido vê mais, que o sabio se é perverso:
A bondade illumina a face do universo;
A bondade, esse olhar da meiga e ingenua aurora,
Raio que dá calor ao infeliz que chora,
Instincto de quem soffre e estima o desgraçado,
É o traço d'união, supremo, abençoado,
Que liga pelo amor gigantes a pigmeus,
E o grande inepto, o burro, ao grande sabio: Deus.

1878, agosto.

FERNANDO LEAL.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Faze o que o pregador diz,
Não faças o que elle faz.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6